



O Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 25 de Novembro de 1995 • Ano LII - N.º 1349 - Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

ESCOLA

O ano escolar dá ainda seus primeiros passos. Que nos trará de novo?

Esta semana (resto de Outubro, princípio de Novembro) vai ser interrompida por actividades dos docentes cuja oportunidade me custa a entender, pelo menos no que respeita à avaliação dos alunos que quase ainda não prestaram provas e os professores mal conhecem.

É um hiato algo desmotivador tão perto do arranque das actividades escolares. E, se se trata de reciclagem ou qualquer outra acção que visa melhoria do ensino, porque não remeter para as férias iniciativas destas, até para preencher os tempos em que os professores legalmente devem ir à Escola sem nela nada terem que fazer? Seria mais razoável; digo mesmo: mais humano.

Deveria ser um espaço de paz

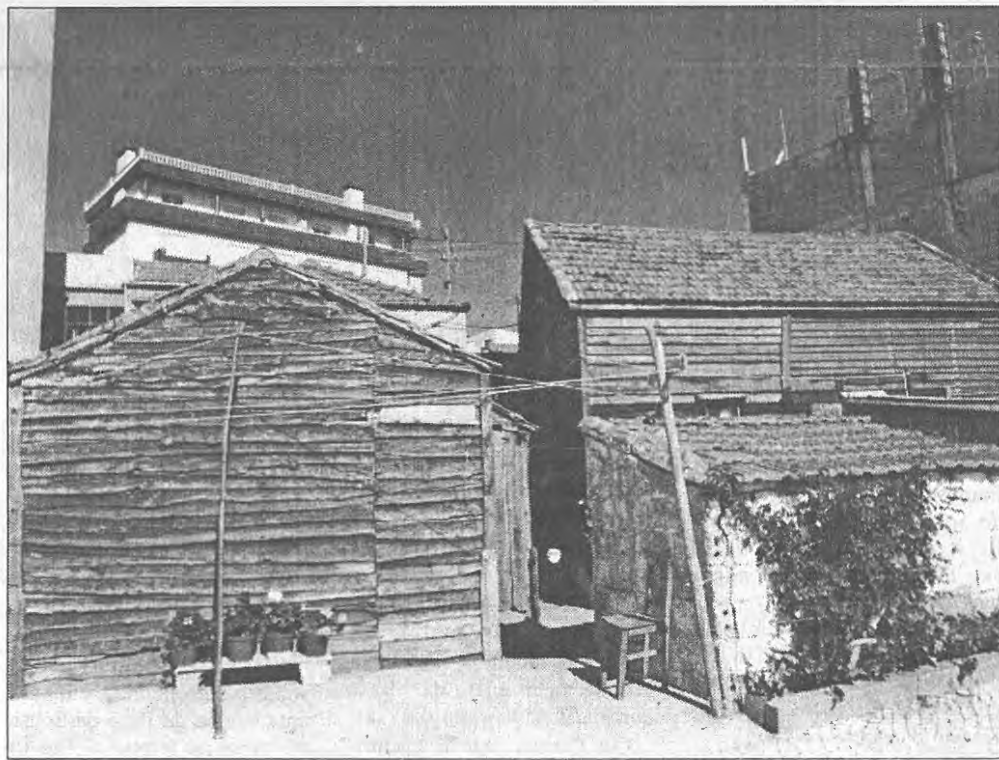
A Escola deveria ser um espaço de paz onde se promovesse, como objectivo absoluto, o crescimento dos alunos em saber e em personalidade. Educar é dar firmeza ao inconsistente. É obra demorada de cristalização na forma mais perfeita de que cada um é capaz. O Educador precisa de mão fina de cirurgião, ciente de que a sua perícia nada pode sem a boa reacção do

paciente. Precisa da paixão do investigador que aguarda sem desfalecimento o evoluir da experiência que encetou. Educar é esperar que o educando aceite e consolide a forma. Dele depende o êxito, por muita que seja a competência e muito forte o empenhamento de quem empreende a formação. Por isso, «sem Humildade, nada!». Esta palavra espiritual de Pai Américo é princípio universal de toda a acção que envolva relações humanas, em que a liberdade dos intervenientes é condição fundamental a ter em conta; e a consequente aceitação de que em qualquer processo desta natureza todos são activos.

Dá que a função docente suponha uma vocação, a aptidão de um caminho austero, caminho de percussor: «é preciso que ele cresça e eu diminua» — ele, o aluno, eu o professor. Assim seria a Escola aquele espaço de paz, fecundado pela paixão — amor e sacrifício — dos que a promovem, onde a criança e o adolescente encontrariam as condições exigidas pela sua fragilidade para um crescimento integral.

Aumento da cobertura escolar

É sabido que toda a inflação desvaloriza; que a precificação da quantidade geralmente arrasta ao pre-



Várias famílias vivem nestas barracas

juízo da qualidade. Talvez o aumento da cobertura escolar, com certeza necessário, tenha sido precipitado, porque se é relativamente fácil, e vistoso!, criar estruturas materiais, já o não é conseguir as estruturas humanas que hão-de dar vida àquelas. A «explosão escolar» transferiu o acento, na função docente, da vocação para a carreira. A Escola não é o espaço de paz que deveria ser. Muitos interesses se chocam e agitam. As causas do «insucesso» que se estabeleceu, são muito mais profundas e não se remediavam com leite.

Que nos trará o novo ano, a nova equipa que tem sobre os seus ombros a Instituição Escolar? Deus lhes dê luz e coragem.

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Uma decisão

EMBORA a questão já durasse há mais de dois anos, foi com grande surpresa que recebi a carta de D. Helena comunicando a sua decisão. Tinha dito que iria passar o mês de Outubro com as Irmãzinhas dos Pobres, em Campolide. Já não era a primeira vez. Veio uma carta:

«Decidi ficar. Tenho travado uma grande luta sobre a minha decisão. Finalmente está resolvido. Vai custar-me porque até tudo me é familiar, estava muito agarrada a tudo e sei que vou sentir saudades. Mas a vida é assim, temos que lutar contra os nossos apegos. Na morte somos forçados a deixar tudo e todos. Na vida, também temos que morrer para muita coisa.»

No mês de Agosto, D. Helena foi para a praia com os miúdos. Um dia, disse-me: «Do ano passado para este

Continua na página 4

Património dos Pobres

Aflições que dão esperança

COMEÇAMOS por apresentar esta carta: «Sou uma jovem de 36 anos. A minha vida é um pouco triste. Infelizmente sou deficiente física. Os meus pais ainda são vivos e têm 80 e tal anos. A minha mãe e eu somos doentes. A nossa casa é um pouco velha e não tem quarto de banho e, por isso, tomo a liberdade de pedir ajuda à vossa Obra. Não temos possibilidades de fazer um quarto de banho. Muito obrigada.»

Fomos ver. A moradia é antiga, toda de pedras sobrepostas e sem reboco. Ao lado, uma poça de mato serve de casa de banho. A jovem movimenta-se com duas canadianas que lhe foram oferecidas.

Ela já tinha falado com um construtor conhecido que, devido à sua doença, só lhe levava trezentos e cinquenta contos e faria todo o trabalho, incluindo louças e canalização. Achámos barato e ficámos com esperança.

No dia seguinte fomos levar a nossa ajuda e, passados uns dias, voltámos e encontrámos a obra já feita e bem e a casa melhorada pela colaboração dos irmãos e vizinhos. O amor de família ficou ali estampado. Ficámos com a impressão de que as nossas ajudas nunca foram tão bem empregues.

Bairro da Conchada (Coimbra)

De passagem por Coimbra visitámos mais uma vez o Bairro da Conchada. Temos ali muitos conhecidos e amigos e aquele bairro marcou bem a vida de Padre Américo e a nossa.

No sítio onde estava o Casarão da Misericórdia

Continua na página 3

SETÚBAL

Mais largo o fosso entre pobres e ricos

P OBRES aos pobres! Ai dos pobres se não forem pobres!... Por toda a parte se levantaram gritos de que, entre nós, cada vez é mais largo o fosso entre pobres e ricos.

Se a constatação é verdadeira e toda a gente sabe que sim, se este caminho é social e historicamente errado, é evidente que se deveria inverter com medidas ao alcance de todos, como são as reformas.

O clamor geral de que as aposentações mínimas eram miseráveis foi de tal ordem que os ouvidos mais distraídos e mais surdos o sentiram.

Fazendo coro e gritando por justiça, algumas vezes O GAIATO fez seu este lamento.

A insegurança de que todos se queixam é também fruto de uma política socialmente injusta

que durante a última campanha eleitoral veio ao de cima com todos os debates e discursos como acusação incontestada.

Sabemos que a injustiça social tem muitos contornos e que não é fácil, como se julga à primeira vista, combatê-los somente com medidas administrativas, mas esperávamos que o novo Governo arregaçasse as mangas e, coerentemente, com o socialismo, tomasse a peito as principais — como são as reformas.

Pensões de reforma

Uma reforma não é um salário. Considerada individualmente, não é tão directa a carga de estímulo e de justiça. Não há que retribuir o esforço dispendido ou que compensar a generosidade, ou risco na acção concretamente realizada.

Tratando-se de aumentar uma aposentação, os justos limites desta vantagem tornam-se mais esbatidos.

Assim é profundamente injusto, sob o ponto de vista social, acrescentar dez contos a quem ganha duzentos e cinquenta ou mais e aumentar somente 2.520\$00 ou 3.300\$00 a quem recebia 17.500\$00 ou vinte e três de reforma.

Meus senhores, não é já uma boa reforma 250 contos por mês com o dobro nas férias e no Natal?

Qual será a sensibilidade de quem recebe 250 passar a auferir 260?

Se fosse ao contrário não seria muito mais humano, mais justo, equitativo, socialmente mais rendoso e mais sensível?

Se quem suportava 17.500\$00 passasse a aceitar 27.500\$00 e quem adquiria 23.000\$00

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

DAR A MÃO — «Custa-me pedir! Tenho sempre acanhamento... Mas, agora, estou aflito por mor do meu filho, toxicod dependente. Em remédios, só ele gasta quase toda a minha pequena pensão de velhice!»

O homem baixa a cabeça com a resignação (própria) dos Pobres mais pobres, acusando implicitamente o mundo em que vivemos.

De facto, estamos perante um caso especial, entre as coordenadas de inúmeras misérias às quais temos acudido ao longo da vida. Já aqui referimos a pessoa. Traçámos o seu perfil. Homem simples. Delicadíssimo.

Foi encadernador. Arte para mãos de artista, que teve épocas áureas. Hoje, porém, com a sofisticada evolução tecnológica, esses artesãos — autores d'obras que encantam os nossos olhos — são mais raros no mercado de trabalho. Ainda mais: lidar com livros, pelo menos, desperta curiosidade. Por isso, na classe, nunca topámos um analfabeto. E, por tantas obras que passam por suas mãos, alguns são mesmo pequenas enciclopédias.

No caso vertente, já que a missão do vicentino não é empregar, mas dar a mão até onde for possível, abordámos a assistente social da Previdência que vela pelo processo do doente. «Quando receber as verbas despachou-lhe um subsídio mensal de vinte e cinco contos e os retroactivos. No próximo ano», acentua, «estou convencida de que a mesada aumentará um bocadinho mais». Obviamente, faz o que pode na floresta de regulamentos, questionários — sofrendo com os que sofrem. E nós continuaremos a auxiliar, enquanto o Estado não cumprir a parte que lhe toca: — «Tá a ver... Preciso d'ir já com ele à Porto... Veja o prego desta receita!», exclama o pai.

PARTILHA — Ela, nossa vizinha, surge à porta com um belo sorriso e entrega 3.000\$00 da assinante 38546, de Santo Tirso, para os Pobres.

Em vale do correio, dez mil da assinante 21319, de Guima-

rães, por várias intenções. Pede que não enviemos agradecimento e aceitemos «saudações muito cristãs» — que retribuirmos com amizade.

Assinante 25881, de Lisboa: «No dia 20 de Outubro, eu e meu marido fizemos trinta e dois anos de casados. Devo à leitura d'O GAIATO não só esse facto como quase tudo o resto de bom na minha vida toda. Junto a esta folhinha um cheque para actualizar a assinatura do Famoso e para a Conferência do Santíssimo nome de Jesus. Peço desculpa ser tão pouco, mas tenho sempre muitas migalhas a repartir».

Mais um remanescente de contas da assinante 26418, da Capital, recomendando «orações por familiares que o Senhor chamou para Si».

A presença habitual do assinante 42971, de Ovar, com o voto de sempre: «Não precisam de agradecer».

Assinante 31104, também da Capital: «O que fizerdes ao mais humilde dos meus servos é como se a Mim o fizésseis. Só assim entendo Deus.» Acrescenta: «O dia 2 de Novembro foi penoso. Não por o seguir da forma tradicional — de que não sou adepta. Mas por me ter desfeito de objectos queridos, apenas no sentido moral. O cheque que envio é produto dessa transacção que desejo seja distribuído pelos mais necessitados».

A Esposa do assinante 32517 — outra lisboeta — marca presença com um valioso óbolo «para os mais necessitados, velhos e viúvas, por alma de minha Mãe». O Senhor é Luz e Esperança!

Em nome dos Pobres, muito obrigado!

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

S. MARTINHO — No dia de S. Martinho vieram a nossa Casa muitas excursões. Especialmente gente do Norte do País, a caminho de Penafiel.

MAGUSTO — Ainda não fizemos o nosso magusto, mas será no dia 18 de Novembro e teremos grande festa, se Deus quiser.

PADRE MANUEL — Na véspera do seu regresso a Angola despediu-se da Comunidade na homilia da Missa dominical.

Que Deus o ajude na sua missão. E as nossas saudações amigas para os gaiatos de Benguela.

MUITA CHUVA — Têm caído fortes chuvadas, muito boas para os nossos campos, para o País, pois atravessámos uma grande seca.

LAVOURA — A erva já começou a crescer e os campos estão uma beleza, muito verdinhos!

CONTENTOR — Há cerca de uma semana mandámos um contentor para Angola (Malanje) com muitos produtos: comidas, roupas, bicicletas e outras coisas mais.

Esperamos que chegue tudo bem a Malanje.

FUTEBOL — Em 1 de Novembro defrontámos, em casa, uma equipa de Paço de Sousa. No primeiro tempo o jogo foi bem desenvolvido por ambas as partes. Resultado: 2-2. Na

segunda parte, a nossa equipa demonstrou outro entrosamento e acabou vencedora por 5-3.

No domingo seguinte defrontámos um grupo da Maia, organizado por uma Vidraria. O nosso plantel entrou mal no jogo, mas acabou por rectificar e vencer por 5-4. No final ofereceram camisolas, isqueiros e cinzeiros a todos os jogadores. Muito obrigado.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Eis chegado o tempo que nos encaminha lentamente para o Natal.

Incumbe a cada um de nós entrar no espírito desta Festa.

outrora vivido por Aquela e Aquele que esperaram em nome de todos nós: Maria e José.

O Natal convida a entrarmos na Escola da Sagrada Família e a pedir que nos ajudem a santificar a intimidade dos nossos lares, a fazer raiar lá dentro esta primeira bênção do Cristianismo: a alegria. Ele oferece uma graça familiar que gostaríamos de transmitir a cada um de vós. Este é o tempo mais lindo, um tempo de amor, um tempo abençoado. O tempo do Menino Jesus.

Vamos pensar num Natal melhor para todos os lares. Vamos tentar levar um pouco de aconchego, amor e paz àquelas famílias que ajudamos, e precisamos do vosso auxílio.

A nossa ajuda é quase diária em muitas casas e isso implica muito trabalho, mas também ajuda financeira.

O correio recebido ultimamente tem sido pouco:

De Manuel e Aurora Reis 25.000\$00. E 10.000\$00 enviados por alma dos pais da nossa amiga, de Fiães. Obrigado pela sua bonita cartinha.

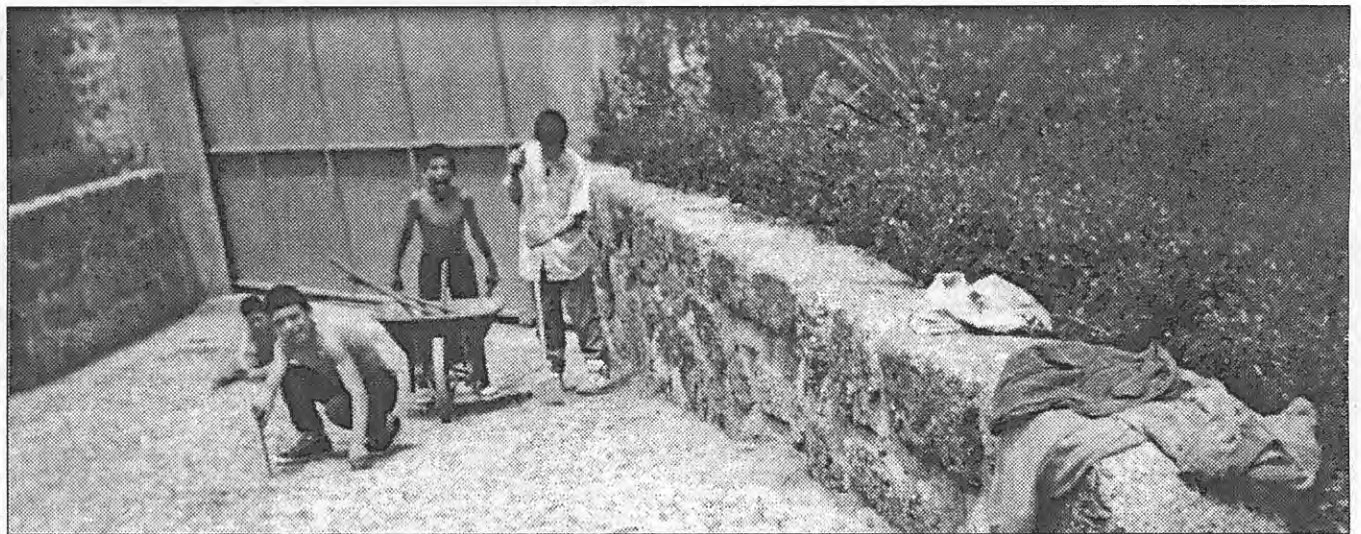
«Junto envio uma pequena ajuda que tinha pensado fosse para o Natal dos vossos Pobres» — diz Álvaro em sua carta com 10.000\$00.

Deus queira que muitos mais se lembrem dos Pobres.

Bem haja a todos e desde já um santo Natal.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato do Porto — Rua de D. João IV, 682 — 4000 Porto.

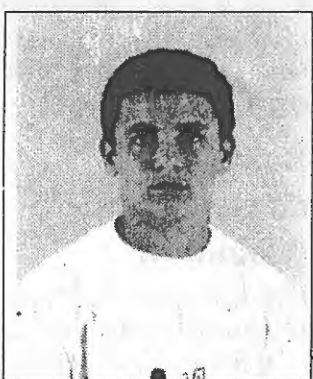
Maria Germana e Augusto



Na Casa do Gaiato de Paço de Sousa — como em todas as outras — eles tratam do que é seu com um sorriso nos lábios!

Retalhos de vida

RUBEN



O meu nome é Ruben Miguel Cordeiro de Castro. Nasci em S. Sebastião da Pedreira, Lisboa, Capital do nosso País. Tenho, agora, catorze anos.

Ruben

Vim para a Casa do Gaiato porque a minha mãe tinha muito medo que eu entrasse na droga, vício que mata tanta gente! Nessa altura morávamos na província mais quente de Portugal, o Algarve, que recebe milhares de turistas de todo o Mundo.

Quando cheguei à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, há cinco anos, e como acontece a muitos outros novos gaiatos, queria ir embora. Mas o tempo foi passando. Adaptei-me a esta vida. E, se Deus quiser, ficarei por aqui até acabar o serviço militar.

Faltam Lares para Doentes mentais

Casos gritantes

COM este título vinha na edição de Outubro do *Arauto de S. João de Deus* uma notícia da situação em Nova York, que «não tem nenhum Lar oficial» para esta espécie de Doentes. E «os que existem, são geridos por associações privadas e enfrentam graves carências». E acrescenta: «Oficialmente, ninguém se atreve a mencionar números dos que ficam ao abandono». Mas, aventa-se que «cerca de 20.000 Doentes foram corridos dos hospitais» e, «destes, mais de metade vagueiam nas ruas das cidades (...), pessoas totalmente dependentes que nem sequer sabem se têm ou não familiares (...) e expostos a todo o tipo de agressões». «A situação está pior do que nos anos 30, na fase da grande depressão».

Se o mal dos outros fosse, realmente, consolação para os nossos, té-la-

íamos nesta notícia. É que, por cá, com números naturalmente mais pequenos (e também menores recursos) o panorama é idêntico. Só daqui, desta Casa do Gaiato de Paço de Sousa, temos dois casos gritantes que muito nos têm afligido e para os quais ainda não se arranjou resposta. O Manuel anda pelo Nordeste Transmontano fazendo distúrbios (como ainda recentemente aconteceu aqui e não foi a primeira vez nem foram poucos) e, decerto, passando mal. O «Piriquito», em Lamego, em situação idêntica. Este, também aqui, já desfez uma carrinha e, por lá, de uma vez, partiu o vidro de uma montra e foi preso. Será esta a forma de encontrar abrigo e alimento certo e protecção?...

Tanto um como o outro não são responsáveis. Por isso não são as estruturas pensais o seu albergue adequado e justo. Seria, sim, uma assistência psiquiátrica conveniente e eficaz. Que é dela?...

A melhor terapêutica: criar Lares com ocupação laboral.

O mais doloroso de tudo isto (e a notícia vinda da América reforça a preocupação) é que parece generalizada uma filosofia de demissão perante estes Doentes, como se o seu mal fosse fictício e os seus direitos de cidadania indignos de consideração.

Será razoável ocupar os já superlotados estabelecimentos prisionais, com gente desta origem? Não o seria muito mais — e isso, sim, resposta digna da Justiça Social — criar Lares para os Doentes mentais, com ocupação laboral que ajudaria à manutenção dos mesmos Lares e seria, com certeza, a melhor das terapêuticas?

Padre Carlos

BENGUUELA

Pedras basilares: educação e respeito pela vida

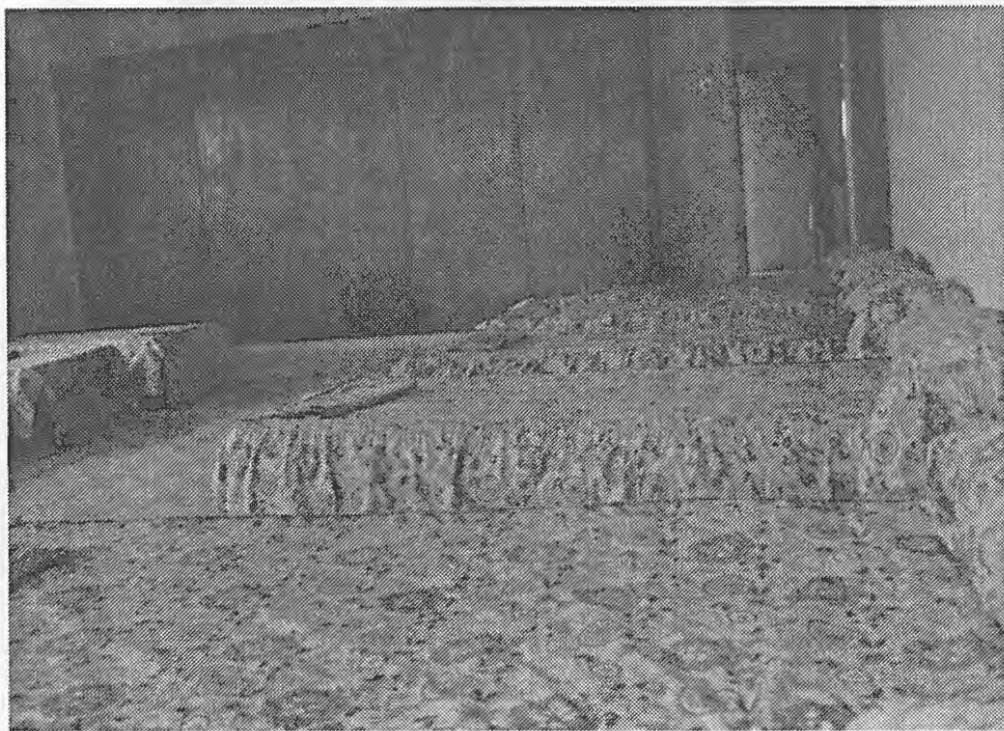
AS crianças têm muita necessidade de afecto. E os adultos precisam da ternura das crianças. O crescimento normal passa pela corrente do carinho e da ternura, até à morte.

Estou a lembrar-me de dois rapazes gaiatos que fui encontrar na cadeia. Eram ainda muito jovens. Deixaram a Casa do Gaiato, antes do tempo. Faltou-lhes o suporte humano e caíram na Penitenciária de Benguela.

Recordo-me, como se fosse hoje, dos abraços e dos beijos com que me cobriram; e das lágrimas que caíram pelo rosto abaixo. Faltou-lhes a ternura dos irmãos mais pequeninos e não puderam repartir o carinho que levavam dentro de si. Por isso, secaram. Uma desgraça humana! Deixaram de pensar nos irmãos, que não havia, e foram vítimas do egoísmo que os levou à cadeia. É, em parte, a explicação. Não se trata duma linha recta, evidentemente.

Tenho bem presente a tristeza daquela menina sozinha que, um dia, nos visitou. Perguntei-lhe pelos irmãos. A resposta veio da profundidade do seu ser. Não veio da superfície. Era uma exigência do seu coração: «*Peço à mãe, mas ela não quer...*» Pobre filha e pobres pais! Quantas vezes os pais dão aos filhos paliativos para os fazerem felizes e esquecem-se de ouvir a voz da Natureza, como, no princípio, Deus a pensou. É o avanço do deserto!

Este desabafo vem na sequência da nota



Um quarto, dos gaiatos de Benguela.

anterior. Cheguei a Portugal com os meus olhos cheios de crianças, a abarrotar de vida, e tive a sensação de que caí no princípio, já adiantado, dum deserto humano. Mais: As nossas Casas do Gaiato de Portugal estão cheias de crianças, adolescentes e jovens. Que contradição! É o caminho duma sociedade de bem-estar que leva à morte, se não se converter.

Cenas belas

Há cenas belas, entretanto. Vem a propósito a conversa com um casal jovem que me dizia pleno de confiança: «*Temos um filho e vamos receber mais dois, pelo menos. Não queremos abrir a porta ao egoísmo*». Está a falar a voz da consciência esclarecida, aberta aos valores da vida. A solidariedade dos pais

corre para os filhos, como a água pura da fonte mata a sede aos que nela beberem. É com os pais que os filhos aprendem, em primeiro lugar.

Nunca é demais cantar o heroísmo das mães que, em situação de desgraça, como a que Angola viveu e está a viver ainda, acolhem as crianças que ficaram sem os pais, na guerra, apesar de terem os seus filhos. Não matam nem rejeitam a vida; acolhem-na. Colocam-se na linha do Evangelho da vida. Diante dos contrastes, não podemos ficar indiferente.

Ao recomeçar o nosso trabalho, depois de algum tempo de repouso, queremos continuar a servir a vida. Há uma expressão popular: «*Nascer à sorte, crescer à sorte, morrer à sorte*», que revela uma autêntica situação de miséria. Não, assim é indigno. Há um caminho longo a percorrer, onde a educação e o respeito pela vida são as pedras basilares.

Datas que guardamos no coração

No dia 11 de Novembro celebram-se os 20 anos da Independência de Angola. No dia 14 de Novembro de 1963, a Obra da Rua chegou a Angola com dois grupos, tendo à vista as Casas do Gaiato de Malanje e de Benguela. São datas que guardamos no coração, escutando o apelo que nos fazem na hora presente: «*Felizes os pés dos que anunciam a Paz e o Bem*».

Padre Manuel António

Continuação da página 1

ergue-se agora o primeiro edifício dos três que hão-de albergar vinte e oito famílias que ainda por ali estão. Um grupo de homens fundiam pilares e enchiam vigas. A seguir a este, esperamos que construam os outros.

Durante muitos anos o *Casarão* serviu de habitação a muitos Pobres. Conheci durante muitos anos catorze famílias, e algumas com muitos filhos, que ali viviam, sabe Deus como. Alguns residentes esperam ansiosamente que aquele bloco esteja pronto para habitar. Há ainda muita gente a viver ao lado, em barracas, que também esperam que chegue o tão desejado dia.

Património dos Pobres

Nós também esperamos.

Abrigo Vicentino

De volta a casa o telefone a chamar-me para o senhor ministro da Ordem Terceira a «*participar uma boa notícia*»: Tinha recebido, da Câmara, o projecto da reconstrução e actualização das habitações do rés-do-

-chão do edifício onde foi adaptado o primeiro andar para o Abrigo Vicentino.

Eram muitas famílias pobres que ali viviam e tiveram de ser desalojadas para execução das obras. Foram colocadas onde foi possível, com a promessa de voltarem a seus ninhos.

Já lá vão muitos anos e eles sempre têm esperado. Daí a nossa alegria.

A Obra da Rua, de início, comprometeu-se a ajudar esta cruzada de bem. Eis o nosso compromisso. E o nosso compromisso é de todos os que conosco comungam a vida. São muitos milhares de contos. Esperamos.

Padre Horácio

SETÚBAL

Continuação da página 1

alcançasse trinta e três mil escudos, esta decisão tinha sido o primeiro sinal de que estava aí o socialismo e de que o Governo tentava diminuir o abismo que separa economicamente os cidadãos. Nem que para isso permanecessem intocáveis as grandes reformas. Aliás se existe um limite mínimo de reformas deveria haver também um extremo máximo.

A custa de gordas aposentações sei de gente que passaria o mundo todo e se regala do que há de melhor, enquanto outros não têm com que pagar a casa, a água, a luz, os remédios e, às vezes, a própria comida. E nem sempre os que estão no topo dos benefícios foram os que mais se sacrificaram e fizeram render o valor económico da Nação.

Quem recebe reformas de mais de cem contos, normalmente goza de outros rendimentos, tem garantidas as necessidades básicas, como a casa, é dotado de capacidades e usufrui de apoios próprios do convívio social. Quem ganha 250 contos ou mais de aposentação, geralmente abunda em bens materiais. Quem aceita 17.500\$00 ou 23 contos vulgarmente não tem nada, ou o que possui é pouco rendível.

Tenho recebido nesta Casa tantas reformas!... «*A minha primeira reforma! A primeira reforma da minha esposa ou do meu marido!*...» com cartas plenas de comunhão com os mais desfavorecidos.

Nunca recebi uma reforma de ninguém com mais de cem contos. Sinal de que os pobres se lembram muito mais dos pobres.

Assim favorecer os pobres seria corroborar com a justiça social e ajudar os caídos a levantarem-se. O que se está a fazer é atirar areia aos

olhos dos cegos, para que vejam menos.

A insegurança irá aumentar e os políticos na rua não chegarão para tapar os rombos da impetuosa e crescente enxurrada de miséria cada vez mais clara.

Padre Acílio

Maravilhas do nosso tempo

BANCOS DE ALIMENTAÇÃO

UMA cruzada nova de bem de que já tínhamos ouvido falar. Agora fomos ver. Aproveitámos a ida da nossa carrinha buscar uma oferta anunciada e fomos também a Lisboa. O nosso Padre Manuel António, da Casa do Gaiato de Benguela, foi ao Porto, sendo ali bem atendido.

Encontrámos um grande armazém cheio de caixas, embrulhos, paletes de coisas variadas e um grupo de senhoras e meninas atenciosas para toda a gente. Logo à entrada, um grande largo interior com muitas carrinhas a abastecer — de várias instituições e de muitas terras: Comunidades de crianças, de idosos, de doentes. Ali vão buscar, gratuitamente, o que de outro modo não teriam: bolachas, iogurtes, queijo, manteiga, detergentes, compotas, sorvetes... eu sei lá quantas coisas mais...!

O que mais nos sensibilizou: a dedicação generosa das senhoras e meninas, voluntárias, que não recebem nada pelo seu trabalho. Elas carregando os carros e a transportá-los para as carrinhas. Elas atendendo o telefone. Elas tomando notas em cima da mesa. Elas acolhendo quem chega. Elas sempre atenciosas.

Soubemos que aqueles alimentos e derivados são oferta de fábricas, armazéns, depósitos e outras procedências. Muita gente a colaborar de boa vontade.

Ficámos com a impressão de que, hoje, quem procura pão o encontra. Que a generosidade não é palavra vã. Parece que, muitas vezes, a falta é de quem promova. Os Bancos de Alimentação são um testemunho. São maravilhas do nosso tempo.

Padre Horácio

De cartas

O GAIATO tem-me ajudado

Logo que O GAIATO chega não o largo. Leio-o. Leio-o até ao fim. Depois, durante a semana, vou lendo e torno a ler. Tantas coisas negativas, mas outras positivas que me têm ajudado imenso.

Agradeço muito o que O GAIATO me tem ajudado e também o bem feito aos mais desfavorecidos, pois os problemas são de todos nós.

Assinante 55860

Herança materna

Em memória da nossa mãe, queremos fazer uma modesta oferta à vossa Casa. Se a nossa oferta é modesta, não deixa porém de reflectir o enorme carinho que ela sentia pela Obra da Rua, que encontrava eco na religiosidade com que se absorvia na leitura de O GAIATO, fonte das suas meditações

que lhe serviam para incitar filhos, netos e amigos a procurar na sua leitura o estímulo à solidariedade para com os desprotegidos.

Formulamos votos sentidos por que não vos falte a força e coragem para continuardes a vossa caminhada de bem fazer.

Assinante 17458

Renúncias

Junto um cheque. Sei que é uma gota de água para as necessidades da Obra da Rua, mas é fruto das renúncias que fiz: não tomar alguns cafés.

Estou na situação de desempregado, já faz um ano. De qualquer maneira, dentro das minhas possibilidades quero ajudar essa grande Obra que está a ajudar cada vez mais necessitados.

Assinante 46076

Eco de Moçambique

PRETENDO fazer-lhes chegar a experiência vivida na véspera da inauguração das instalações no Maputo, que tive a sorte de viver.

Tendo ido a Moçambique em serviço (...) manifestei vontade de conhecer a vossa Casa.

Nem um furo nos deteve, depois da Matola e Boane, que conheci em 1959, passando por locais de trabalho da Casa do Gaiato. Chegámos às novas instalações já era noite.

Acolheu-nos o Padre José Maria. Guiou-nos na visita. Tudo nos mostrou com carinho e entusiasmo, próprio de quem juntou mais um tijolo à sua grande obra, que é vossa!

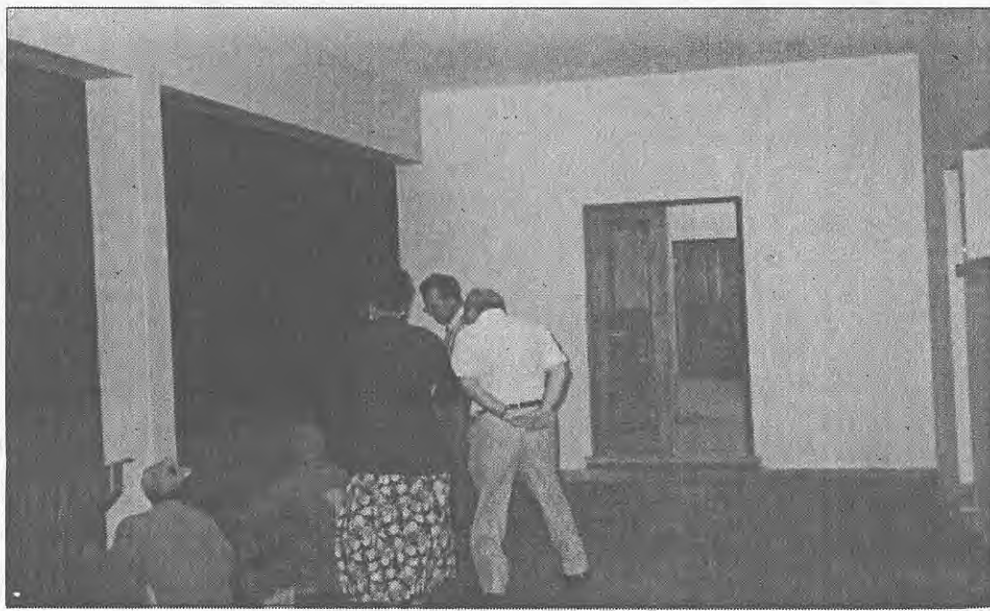
Sentimos e vivemos o calor da obra que ia ser inaugurada no dia seguinte. Infelizmente não tive hipótese de lá voltar... mas as fotografias nocturnas dão-lhes ideia do trabalho já realizado.

No regresso os meus primos afirmaram que «só a Igreja tem construído» e que «passaram 20 anos a destruir». Quem o afirmou sabe bem o que diz.

Todos ficámos impressionados, pela positiva, e é isto que hoje vos quero fazer chegar, uma vez que regresssei ontem (30 de Outubro) a Portugal.

Peço a Deus que vos continue a dar força e que o vosso trabalho tão profícuo na construção das casas, o seja ainda mais no coração dos homens. Da nossa parte que haja o apoio que tanto merecem.

Assinante 22938



«As fotografias nocturnas dão uma ideia do trabalho já realizado» na Casa do Gaiato de Moçambique, afirma o nosso Leitor.



DOCTRINA



Descontente, sim,
mas não desanimado.

CERTOS homens que eu visito, vergados ao peso dos anos e de privações, habitantes da viela e portadores da ciência de sofrer — estes homens têm por vezes eloquência sublime, dentro de singelas palavras, no «*ai que grande esmola me não vai dar hoje, padre!*», quando eu entro o limiar da porta. Eles não sabem se ou quanto tenciona dar o visitador que chega, mas a necessidade real presume e antecipa; e, no «*ai que grande esmola*», está escondida a grande oportunidade, que a esmola dada a tempo duplica o seu valor. Ora sucede que também nesta página se suplica, por vezes, com necessidade real; e enquanto a notícia gira, eu sento-me num cantinho do meu cubículo, num confiante «*ai que grande esmola me não vão dar!*» — com menos sorte, porém, do que os meus amigos da mansarda.

POR via de ti, sou forçado a retirar do Seminário da Figueira da Foz um aspirante ao sacerdócio que para ali mandei, por não ter meios com que possa fazer face às despesas. Tinha pedido aqui uma bolsa de dois mil escudos que não significava, de modo algum, recusa de qualquer soma para aquele fim; mas todos acharam mais fácil liquidar a questão com um simples «*não posso com tal verba*» e assim viraram a página, sem mais conseqüências. Não hei-de ter, por certo, a censura do Evangelho, como o outro que nescientemente começou a edificar sem poder concluir. Não hei-de, que em uma Obra que é de todos, mais culpas tem quem pode e não quer ajudar, do que o obreiro que, sozinho, lançou os fundamentos.

NÃO afoitas os teus filhos à vida sacerdotal nem tão pouco se te dá que o mundo fique sem sal e a carne derrancada; que os sacerdotes, em virtude da sua missão, são o sal da terra — verdade eterna. Não afoitas os teus; nem ajudas os dos mais.

TINHA premeditado formar alguns gaiatos na Escola do Mestre, não certamente por amor do que já está realizado, mas sim para garantir o muito que há a realizar; tinha aceitado o sim generoso do garoto que mandei para o Seminário da Figueira da Foz; esperava eu que me visses do alto da tua janela, uma vez que não queres descer à rua; mas não!

AO despedir-me de ti, coloco a mão no meu peito onde palpita, latente, a vida dos miseráveis da rua entregues à acção enérgica do polícia armado por falta de quem saiba dar beijos e partir pão. E tu colocas a tua mão no teu, de arrependido. Boas noites.

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Cantinho das Senhoras

NÃO quero deixar de dar conhecimento às pessoas amigas, da minha saída da Casa do Gaiato de Lisboa para as Irmãzinhas dos Pobres, em Campolide, no dia 2 de Outubro deste ano. Sinto-me feliz, embora com saudades. Com o tempo irão passando.

Estou com 72 anos, sem forças para continuar a servir a Obra e, quem sabe, se de futuro não me tornaria pesada às Senhoras que ali trabalham dia e noite, o que constituiria para mim causa de grande sofrimento.

Tenho recordações gratas de todo o tempo que ali trabalhei, de alma e coração, junto dos rapazes. Posso dizê-lo: Fui feliz. Nunca esquecerei o bem que colhi, em todos os sentidos, mas especialmente no campo espiritual. Ninguém da Casa e pessoas amigas concordaram com a minha saída, no que lhes estou grata. O meu temperamento não aguentava ser ali uma presença inútil.

Cumpri a minha missão. Tenho consciência de que dei o máximo de mim própria, com muitas imperfeições, mas não fui capaz de mais nem de melhor. Muito grata por todas as provas de amizade e um pedido de desculpas a todos e todas pelas minhas deficiências. Que Deus recompense todos e todas que trabalham e ajudam esta grande Obra que merece ser ajudada. Nela se têm salvo muitos rapazes tirados ao vício da rua e se tornaram homens de bem.

Um grande abraço para todos daquela que, com muito amor, serviu aqueles que na família não encontraram um lugar.

Helena Teresa Figueira

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

parece que passaram dez anos. Já não sou capaz de nada». Era para mim evidente o seu grande esforço e, com a idade, começamos a perceber uma certa inadequação entre a nossa vontade e as forças que temos. Por outro lado, numa Casa como a nossa, sente-se bem o fosso existente entre o que há para fazer e as nossas capacidades. Precisamos de muita humildade para não desanimarmos e irmos contribuindo com o pouco que podemos.

Sei que foi muito duro para D. Helena tomar esta decisão. Muitas vezes a vi hesitante, muitas vezes a vi decidida a ficar connosco e também muitas vezes a vi decidida a partir. Gostava das razões que ela apresentava para não partir, tentava rebater as razões que tinha para partir. Gostaria imenso que a sua decisão final tivesse sido a não partida. Reconheço que toda a vida da nossa Casa está organizada em função dos miúdos e dos rapazes, mas ficaria feliz se tivéssemos também que nos organizar em função das pessoas que deram aqui a sua vida. Creio que continuariam a sua missão

de serviço a estes nossos miúdos a quem falta, muitas vezes, uma experiência humana fundamental: o envelhecimento e a própria morte. D. Helena partiu por uma questão de delicadeza: «*Não queria ser pesada*».

Maternidade adoptiva

Durante vinte e cinco anos, D. Helena foi mãe, madrinha e avó de algumas centenas de rapazes. Durante muitos anos «*a Senhora*», como habitualmente os rapazes chamam e que não revela menos carinho, esteve por perto de todos eles, quer quando estava com os mais pequenos, quer quando se ocupava da área da cozinha e despensas, quer quando fazia os pensos e dava a medicação aos doentes que dela esperavam não só a cura das feridas do corpo mas também da alma. Sempre senti alegria ao entrar na enfermaria ou no consultório e ver a D. Helena cheia de paciência a curar a mais pequenina ferida. O dom da sua vida, o seu celibato feito de entrega foi um fecundo manancial de vida junto

destes rapazes a quem acarinhou e amou em seu coração. Quantas vezes fui testemunha do sofrimento que sentia quando algum rapaz não andava nos caminhos certos. Algumas vezes me disse: «*Temos de rezar mais por ele*». Com o conhecimento feito ao longo destes anos sabia que em muitas ocasiões a nossa única forma possível de manifestarmos o amor por um rapaz é, no silêncio, falarmos dele a Deus nosso Pai, por intermédio do Seu Filho e com a ajuda da Mãe do Céu.

Sinto que ficámos mais pobres e mais sós. Sinto também que vou ter muitas dificuldades em ir visitá-la ao sítio para onde foi. Dificuldade em respeitarmos as decisões das pessoas?! Gosto de a ver aqui em Casa?! Sentimento de que não lhe dissemos para ir?! O sentido profundo de que o

lugar das pessoas, em qualquer fase da sua vida, é na família!? Creio que o Lar das Irmãzinhas dos Pobres recebeu uma dádiva, porque, pelo que conheço de D. Helena, ela não é mulher para ficar parada, mas deitará mão a tudo o que estiver ao seu alcance dentro das suas possibilidades.

Muito obrigado pela sua vida. Creio que não seremos esquecidos, nos seus momentos de oração. Esta Casa continuará a ser a dela.

O seu lugar ficou vazio. Menos uma Senhora para acarinhar os nossos Rapazes. Só Deus sabe quando, no coração de mulheres com o dom da maternidade adoptiva dentro delas, brotará o desejo de entregarem a sua vida a estes pequeninos que, ao nascerem, não encontraram lugar preparado para eles.

Padre Manuel Cristóvão